SOBRE
A NECESSIDADE DA INTRODUCÇÃO
DO
ENSINO DA GLOTTICA
EM PORTUGAL

POR

F. ADOLPHO COELHO

LISBOA
71—Travessa da Victoria—71
1870

Lallemant Frères Typ. Lisboa.

Sobre a necessidade da introducção do ensino da glottica em Portugal

I

A sciencia da linguagem ou glottica[1] não nasceu em nossos dias; é tão antiga como a maior parte das sciencias; como se dá, porém, com as outras sciencias, só nos ultimos tempos é que a creação d'um methodo rigoroso de investigação a fez entrar n'uma phase em que poude dar-se a muitos dos seus problemas capitaes uma solução verdadeiramente scientifica. Pouco tempo depois de a botanica com os Jussieus, a chimica com Lavoisier, terem entrado na França n'um periodo de grande progresso sob a disciplina d'um novo methodo de classificação e novo processo d'analyse, a sciencia da linguagem com Bopp e Grimm na Allemanha alcançava tambem o seu methodo natural e determinava o seu processo d'analyse. Essa phase nova da sciencia filia-se d'um lado nas tendencias geraes do espirito scientifico dos nossos tempos, d'outro no caracter especial do espirito scientifico allemão e em a natureza dos objectos que chamaram desde o seculo passado a sua attenção.

[1] A palavra glottica como denominação da sciencia da linguagem é a unica das que teem sido propostas que satisfaz completamente; pois além de ser bem formada, e pela analogia d'outros nomes de sciencia, como physica, botanica, etc., indica bem a natureza do seu objecto *(glotta* no grego significa lingua e linguagem). Os francezes empregam no mesmo sentido a expressão *philologie comparée*, que nada significa por si, ou a palavra mal formada e barbara *linguistique*, derivada por meio do suffixo grego-latino *icu* de *linguiste* (glottico, investigador scientifico da linguagem), que é formada de *lingua* por meio do suffixo grego *ist*, á maneira romanica, como *jornalista, dentista*, etc. O termo é pois bem pouco scientifico.

«A moderna sciencia da linguagem, diz Theodoro Benfey[1], nasceu da philologia e do conhecimento (pratico) das linguas. A sua particularidade caracteristica é formada pela fusão de quatro direcções: a physiologica, a philosophica, a historica e a comparativa.»

Nas epochas anteriores da sciencia das linguas, vê-se dominar isoladamente uma ou outra das duas primeiras direcções. Em um periodo remotissimo, pelo menos antes de Budha, isto é, com certeza, anteriormente ao sexto ou quinto seculo antes de Christo, vemos já a linguagem ser investigada physiologicamente, como um producto da natureza, nos trabalhos admiraveis dos grammaticos indios; n'essa epocha attinge a sciencia da linguagem a maior perfeição a que era possivel chegar seguindo essa direcção exclusiva.[2]

Falta-nos ainda, infelizmente, uma obra sobre os trabalhos grammaticaes da India, que satisfaça ás exigencias actuaes, uma reconstrucção da primeira epocha da sciencia da linguagem que conhecemos, e cujos resultados prodigiosos estiveram mais de vinte e tres seculos inutilisados para chegarem a serem aproveitados em a nossa edade.

A sciencia da linguagem apparece-nos seguindo a segunda direcção, isto é, sob o dominio exclusivo da especulação philosophica na Grecia antiga; e na Europa só chega a emanicipar-se d'esse dominio no principio d'este seculo. O Kratylo de Platão, para cuja verdadeira interpretação é mister ler o estudo citado de Benfey, é o principal monumento da sciencia da linguagem na antiguidade.

A celebre experiencia de Psammitico[3] revela-nos, sob uma forma popular, o interesse que a questão da origem das linguas inspirava aos antigos, e como o empirismo pretendia tambem resolver esse problema.

Nos seculos XVII e XVIII, em que o conhecimento das linguas orientaes se alargou tanto na Europa, a sciencia da linguagem é muito cultivada, mas não toma ainda nenhuma direcção nova; o seu objecto só é que adquiriu maior extensão; o espirito philosophico, e um espirito philosophico estreito, ou a imaginação pura dominam-n'a completamente. Suppõem-se relações imaginarias entre diversas linguas, sem criterio algum interior; assenta-se uma theoria de formação da linguagem em virtude de principios preconcebidos ácerca do homem. Basta ler *La formation mécanique des langues* do presidente de Brosses, e *Le monde primitif* de Court Gébelin, para fazer idea da sciencia da linguagem n'essa epocha. Entretanto a nova phase da sciencia preparava-se. Já

[1] No seu excellente estudo *über die Aufgabe des platonischen Dialogs: Kratylos. Abhandlungen der kœniglichen Geselschaft der Wissenschaften zu Gœttingen.* 1866, s. 189.

[2] Benfey l. c.

[3] Herodoto II, 3.

na primeira metade do seculo passado, o padre Pons indicava n'uma carta da India[1] a grande importancia do modo de considerar a linguagem na grammatica indica, mas essa indicação não foi infelizmente aproveitada.

Pouco e pouco, foi havendo na Europa mais ou menos exactas noticias da lingua sanskrita e da sua litteratura, até que em 1790 appareceu publicada a primeira grammatica sanskrita europea.

Em 1767 o padre Cœurdoux, n'uma memoria enviada á antiga Academia franceza das inscripções, notava já algumas das relações do sanskrito com o grego e o latim, e apontava a idea da sua commum origem, n'uma forma que se résente ainda muito das crenças da sua epocha. Ainda essa memoria não chamou a attenção da sciencia franceza. Os trabalhos da Sociedade de Calcuttá fizeram apreciar melhor na Europa a litteratura da India, e no começo d'este seculo era já profundo o interesse que ella inspirava. Na Allemanha foi Frederico Schlegel um dos primeiros a estudar o sanskrito, e, notando, como o padre Cœurdoux e outros que o seguiram, as relações do sanskrito com algumas linguas europeas, explicou-as pela commum origem d'essas linguas, e das raças que a fallam, no seu livro sobre a *Sabedoria e lingua dos antigos indios* (1808). D'esta vez a indicação não devia ficar perdida, pois tinha cahido em bom terreno.

Apresentava-se naturalmente um problema: se o sanskrito, o persa, o grego, o latim, as linguas teutonicas (as primeiras das quaes se conjecturou então identidade de origem), teem relações tão intimas que só se podem explicar por identidade de origem, como é que ao mesmo tempo offerecem muitas differenças consideraveis? Para que a sciencia da linguagem désse a solução d'um tal problema, era absolutamente necessario que ella seguisse e conciliasse duas direcções novas para ella: a historica e a comparativa. A communidade d'origem d'aquellas linguas, a que se deu cedo o nome de indogermanicas, saltava por assim dizer aos olhos, tão intimas eram algumas das relações descobertas á primeira intuição; era necessario que uma comparação completa das diversas partes do seu systema grammatical mostrasse tudo o que ellas tinham de commum; era necessario, d'outro lado, que se conhecesse se as divergencias que n'ellas existiam eram filhas do acaso, se obedeciam a leis, e estudar como pouco e pouco essas divergencias se tinham ido produzindo com o tempo, isto é, era necessario conhecer a historia d'essas linguas.

Foi na tarefa da resolução d'essas questões que o methodo da moderna sciencia da linguagem se creou com todos os seus caracteristicos. N'essa creação a sciencia europea não deve pouco á antiga grammatica da India, pois foi n'ella que aprendeu o que se póde chamar a anatomia da linguagem, a decomposição da palavra nos seus elementos simples, irreductiveis.

[1] *Lettres édifiantes et curieuses, écrites des Missions* (1743), t. XXVI, p. 219.

A moderna glottica é essencialmente uma sciencia allemã; foi na Allemanha que nasceu, é lá que a maior parte dos trabalhos de que é objecto ou em que se applica, teem sido feitos. Esses trabalhos hoje podem formar só por si uma assás vasta bibliotheca.

A grammatica comparativa das linguas indo germanicas em geral foi creada por Bopp, aperfeiçoada e exposta n'uma forma mais adeantada por Schleicher; a grammatica de cada uma das familias, ou linguas particulares d'esse grupo tem sido tambem miudamente estudada. Mencionaremos os trabalhos de Benfey, Bopp, Max Müller, sobre o sanskrito; de Curtius, Benfey, Ahrens, sobre o grego; de Leo Meyer sobre o grego e o latim; de Corssen, sobre o latim; de Mommsen, Kirchkof, Aufrecht, sobre os outros dialectos italicos; de J. Grimm, Scherer, Graff, Meyer, sobre as linguas germanicas; de Schleicher, Dobrowsky, Schaffarik, Miklosich, sobre o lituanio e o slavo; de Zeuss e Ebel, sobre as linguas celticas; de Diez, sobre as linguas romanicas; para não fallar de muitos outros mais ou menos importantes, e d'uma infinidade de memorias e tractados sobre varias questões especiaes relativas a essas linguas. Largos passos teem sido dados para assentar as bases da grammatica comparativa d'outros grupos de linguas; em summa o conjuncto de trabalhos de glottica publicados na Allemanha, e nos paizes que a seguiram n'esse movimento, desde 1816, anno em que viu a luz publica o primeiro livro de grammatica comparativa, fórma um dos ramos principaes dos productos scientificos da nossa epocha. Para nos convencermos d'isso basta abrir um dos muitos catalogos especiaes dos livros d'essa sciencia, publicados por livreiros allemães, francezes e inglezes.

Desde 1851 publica-se em Berlim com a maior regularidade um jornal dedicado ao estudo scientifico dos dialectos teutonicos, do grego e do latim (*Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung auf dem Gebiete des Deutschen, Lateinischen und Griechischen*, herausgegeben von A. Kuhn). [1]

Esse jornal fora precedido do *Zeitschrift für die Wissenschaft der Sprache* de Hœfer (1845-53). M. Lazarus e Steinthal, auctor de notaveis trabalhos sobre a parte geral da sciencia, publicam um *Zeitschrift für Vœlkerphsychologie und Sprachwissenschaft* desde 1859.

Em todas as faculdades de philosophia das universidades allemãs ha cursos que teem por objecto ou os principios geraes da glottica ou a sua applicação ao estudo d'uma lingua ou familia de linguas; em muitos lyceus da Allemanha succede o mesmo.

No semestre do inverno de 1865-66 fizeram-se na universidade de Berlim os seguintes cursos, além d'outros que tiveram por objecto especialmente o estudo pratico de linguas orientaes e antigas da Europa: grammatica comparativa das linguas semiticas,

[1] Este jornal tem tido 106 collaboradores, a maior parte dos quaes são professores publicos d'algum dos ramos da sciencia da linguagem.

lingua persa comparada com o sanskrito, philosophia da linguagem e grammatica geral, caracter das linguas indogermanicas, grammatica sanskrita, sobre os dialectos semiticos [1]. É mister notar que em quasi todos os cursos praticos de linguas hoje feitos na Allemanha os professores dão menos ou mais noções scientificas sobre as linguas que ensinam. No curso do verão de 1866 ensinaram na mesma universidade Weber o sanskrito, Schott as linguas altaicas e finnicas, Dieterici e Rœdiger as linguas semiticas, Müllenhoff a grammatica comparada do gotico e antigos dialectos germanicos, Steinthal a grammatica geral.

Na França a nova glottica foi cedo conhecida; essa nação estava bem preparada para a comprehender pelo estudo das linguas orientaes, e a influencia que as ideas allemãs desde a Restauração tiveram sobre ella, e as relações intimas entre os sabios dos dois paizes.

Logo no seu começo, aquella sciencia teve na França um representante de primeira ordem, Eugenio Burnouf. Desde 1824 tinha-se este applicado com paixão aos estudos orientaes sob a direcção de Chézy, professor de sanskrito na cadeira instituida no Collegio de França em 1814, e do celebre Abel de Rémusat; começou pouco depois a publicar varios artigos ácerca do sanskrito considerado sob o ponto de vista historico e comparativo; e em 1832 achamol-o substituindo Chézy na cadeira de sanskrito. «Sem fazer da grammatica comparativa o objecto especial de nenhum de seus trabalhos, poz á luz o methodo e extendeu o dominio d'essa sciencia, pelas grandes applicações que fez d'ella [2]». Na interpretação do texto original do Zend-Avesta, a grammatica comparativa foi o instrumento principal de que Burnouf se serviu; todos os seus cursos, como os seus livros, baseavam-se sobre o methodo e os resultados d'essa sciencia. Só em 1852, todavia, é que um curso especial de grammatica comparativa das linguas indogermanicas foi creado em Paris, constituindo parte da faculdade das lettras [3]. O ministro Fortoul determinou até a introducção do estudo da grammatica comparativa nas classes superiores dos lyceus [4], mas essa innovação importante foi destruida pelo ministro Rouland, que em compensação creou em 1857 uma cadeira de grammatica comparativa ligada ao ensino do sanskrito, na Eschola de linguas orientaes, cuja regencia foi confiada a M. Oppert [5]. Um dos cursos da Eschola das cartas tem por objecto [6]: a lin-

[1] Minssen, *Étude sur l'instruction publique en Allemagne* pag. 148 sgg.

[2] *Receuil de Rapports sur les progrès des lettres et des sciences en France.—Progrès des études relatives à l'Égypte et à l'Orient*, pag. 203.

[3] Bull. admn. T. III, 378, T. V, 104. Em o nosso opusculo *Algumas observações ácerca do Dicc. bibliog. etc*, pag. 16, l. 8 sahiu errada a data d'essa creação, devendo lêr-se 1852 em vez de 1851.

[4] Decreto de 10 de abril de 1852; decisão de 30 de agosto de 1852; instrucção geral de 15 de novembro de 1854.

[5] *Revue des cours littéraires* I, 80.

[6] Block, *Dict. de l'adm. franç.* pag. 1018.

guistica applicada á historia das origens e da formação da lingua nacional. Em 1863, por morte do primeiro professor Hase, a cadeira de grammatica comparativa foi transferida da faculdade das lettras para o collegio de França, onde é regida por um homem eminente, M. Bréal. Em geral nos diversos cursos de linguas europeas e orientaes feitos nas escholas superiores francezas os alumnos colhem noções scientificas sobre essas linguas. No Seminario protestante de Strasburgo havia um curso de *philologia geral e comparada*.

A sciencia da linguagem tem habeis cultores e faz parte do ensino publico na Inglaterra, na Italia, na Russia, nos Estados Unidos, India, etc. Citaremos, entre outros, os nomes d'alguns professores d'essa sciencia nas universidades d'esses paizes, conhecidos pelos seus trabalhos: Max Müller, universidade de Oxford, Lottner, universidade de Dublin, Theodoro Aufrecht, universidade de Edimburgo; Ascoli, universidade de Milão, Comparetti, universidade de Pisa, Janku, universidade de Florença, Tafel e Whitney, universidade de Philadelphia.

II

Só a alta importancia da sciencia da linguagem nos pode explicar o interesse que dia para dia cresce por ella nas nações cultas.

Mas d'onde vem, pois, essa importancia? É mister ter em vista a importancia mesmo do seu objecto, para poder responder a similhante questão.

«A linguagem, diz Schleicher [1], isto é, a expressão do pensamento pelas palavras, é o unico caracteristico exclusivo do homem. O animal possue tambem signaes phonicos, e em parte signaes phonicos muito desenvolvidos para a immediata expressão dos seus sentimentos e dos seus desejos, e por meio d'esses signaes é possivel uma communicação dos sentimentos entre os animaes, como por meio d'outros signaes. A expressão da sensação pode, sem duvida, produzir representações nos outros. É por isso que se falla da linguagem dos animaes. Todavia, nenhum animal tem a capacidade de expressão immediata do pensamento pelo som. E é essa expressão que se chama linguagem. Quanto isto em o nosso modo de ver ordinario é reconhecido, prova a consideração de que sem duvida um macaco dotado de linguagem, ou um animal inteiramente differente do homem, valeria para nós como homem se possuisse linguagem. É conhecido que os surdos-mudos possuem virtualmente a linguagem, tanto como os que realmente fallam; isto é, n'outras palavras, o seu cerebro e orgãos de palavra são formados exactamente como nos homens que teem orgãos auditivos sãos. Se assim não fosse, não poderiam elles aprender a escrever nem a ler. Pelo contrario, não se devem considerar como homens completos, como verdadeiros homens, os homens detidos no seu desenvolvimento e realmente sem linguagem, os microcephalos, etc., pois lhes falta não só a linguagem, mas tambem a faculdade da linguagem.

[1] *Ueber die Bedeutung der Sprache für die Naturgeschichte des Menschen.* Weimar, 1865. S. 14 ff.

«Se a linguagem é o humano *kat'exochen*, é facil de pensar que ella nos possa fornecer um principio distinctivo para uma classificação scientifica e systematica da humanidade, que na linguagem haja a base d'um systema natural do genus homo.

«Quão pouco constantes são a conformação do craneo e outros pretendidos caracteres distinctivos das raças! A linguagem, ao contrario, é um caracter constante. Um allemão pode, n'alguns casos, disputar pelos cabellos e o prognathismo com a mais pronunciada cabeça de negro, mas nunca fallará bem uma lingua de negro. Quanto são pouco essenciaes para o homem, os chamados caracteres distinctivos das raças, mostra-nos a observação que homens pertencendo a um só grupo de linguas podem apresentar particularidades de raça differentes. É assim que o turco osmanli, não nomada, pertence á raça caucasica, emquanto as tribus turcas chamadas tartaras, apresentam o typo da raça mongolica. D'outro lado não se distinguem por exemplo, o magyar e o basco essencialmente dos indogermanos pelos seus caracteres physicos, emquanto pela linguagem magyares, bascos e indogermanos estão muito affastados uns dos outros. Posta até de parte a sua instabilidade, ainda os pretendidos caracteres distinctivos das raças difficilmente se podem reduzir a um systema natural scientifico. Relativamente com maior facilidade se podem dispôr as linguas n'um systema natural, como os outros seres vivos [1], particularmente pelo seu lado morphologico...... Em a nossa opinião, a conformação exterior do cerebro, da face e do corpo, é menos essencial para o homem que a constituição physica, menos material, mas infinitamente mais delicada, de que a linguagem é o symptoma. O systema natural das linguas é, no meu modo de ver, ao mesmo tempo o systema natural da humanidade. Toda a mais alta actividade do homem está estreitamente unida á linguagem, de modo que acha na linguagem o meio da sua devida apreciação.

«Que a conformação do cerebro e a forma craneana, determinada pelo cerebro, tambem sejam importantes para a linguagem, não o negamos naturalmente de modo algum. Ainda menos nos vem á idea pôr em duvida a alta importancia da exacta investigação das differenças physicas do homem; só nos é permittido pôr em questão o direito d'essas distincções como base de classificação da humanidade actualmente viva. Podem-se classificar os animaes pela sua apparencia morphologica; para o homem parecenos a forma exterior, de certo modo, um momento hoje insuffi-

[1] Schleicher considerava a linguagem como um ser dotado de vida propria.

ciente, mais ou menos insignificante para a sua propria e verdadeira essencia. Para a classificação do homem carecemos d'um criterio mais delicado, mais alto e exclusivamente proprio ao homem. Esse criterio achamol-o, como dissemos, na linguagem.

«A linguagem não nos parece sómente importante para a construcção d'um systema natural e scientifico da humanidade, como ella se offerece agora á observação, mas tambem para a historia do seu desenvolvimento. Chegámos á conclusão que a linguagem caracterisa o homem como tal, e que, por consequencia, os diversos graos de linguagem devem ser considerados como os signaes caracteristicos dos diversos graos de homem.»

Assim a sciencia da linguagem fornece os dados capitaes para uma classificação da humanidade, para a appreciação do desenvolvimento de cada uma das suas familias. A antropologia com os seus primeiros instrumentos não era capaz de descobrir que o indio e o grego eram membros separados d'um mesmo antigo povo, e o basco, que com elles se parece exteriormente, pertencia a uma familia inteiramente diversa e de que elle é o unico representante. Agora a antropologia vae já aproveitando o que fornece a sciencia da linguagem e apenas é de lastimar que os antropologistas não façam d'esta sciencia senão um estudo superficial.[1] Mas não é só por esse lado que a sciencia da linguagem se torna importante. A historia recebe d'ella esclarecimentos do mais alto valor; a sciencia das religiões vae adquirindo um aspecto novo pela applicação do seu methodo e d'alguns dos seus resultados; textos que pareciam impenetraveis acham n'ella a chave de interpretação, sem a qual as paginas da historia e da sabedoria de povos antiquissimos que elles encerram nunca seriam conhecidas de nós; a questão da origem da linguagem sahiu para sempre do dominio das conjecturas. No seu campo especial a glottica determina as leis que presidem ás transformações das linguas, segue estas no curso da sua historia, e decompõe as suas formas em elementos simples, cuja funcção explica.

III

Não é nosso fim traçar aqui a historia da sciencia da linguagem, analysar os caracteristicos de cada uma de suas phases, fazer conhecer a natureza do seu methodo actual, enumerar os resultados a que tem chegado; o nosso escripto, o titulo o indica, pretende apenas fazer notar a importancia d'uma lacuna em a nossa instrucção publica, a falta do ensino d'essa sciencia. Os breves dados precedentes teem unicamente por fim mostrar que a sciencia da

[1] Veja-se A. de Quatrefages, *Rapport sur les progrès de l'Antropologie* pag. 363 e segg. no *Receuil de rapports* acima citado.

linguagem tem no systema dos conhecimentos humanos tão profundas raizes como outra qualquer sciencia, e que a sua historia é apenas um capitulo essencial da historia do desenvolvimento intellectual da humanidade. Como se explica pois que os modernos trabalhos de glottica tenham sido ignorados, ou pelo menos muito mal conhecidos em Portugal, a ponto que nem o ensino publico, nem o que ácerca da nossa lingua, ou d'outras linguas teem escripto até hoje os homens entre nós mais considerados pelos seus trabalhos scientificos, revelem conhecimento do methodo d'aquella sciencia?[1] Sobre a origem na nossa lingua, a sua historia e questões connexas apparecem em escriptos publicados n'estes ultimos doze annos, em nosso paiz, opiniões oppostas, proposições expostas em tom magistral, mas sem a demonstração necessaria. É mister conhecer um pouco a historia scientifica de Portugal, n'este seculo, para poder explicar essa ignorancia.

O que em historia e na sciencia das linguas se fez entre nós até á revolução liberal, baseava-se d'um lado sobre os trabalhos da sciencia franceza no seculo XVIII; d'outro na erudição monachal portugueza; a philologia classica tinha ficado, apesar da reforma do marquez de Pombal, quasi o mesmo que era nas mãos dos jesuitas, uma arte de fazer pedantes, mais nada; o estudo da lingua nacional decretado pela primeira vez, em 1770, para as escholas, resumia-se á grammatica elementar e applicação das suas regras na analyse verbal dos auctores; das linguas orientaes só eram ensinadas, d'um modo completamente superficial, o hebreu e o arabe. A revolução scientifica que se operou na Allemanha não podia ser conhecida dos sabios portuguezes, discipulos enthusiastas da sciencia franceza do seculo XVIII; a falta de relações litterarias entre o novo paiz e a Allemanha, mas acima de tudo, o espirito profundamente catholico que n'elle dominava, eram um obstaculo invencivel a que qualquer idea d'além Rheno achasse aqui um sectario.

Depois da revolução liberal, destruido o convento, onde mais trabalhos d'erudição se produziam, appareceu uma geração suscitada por diversas e contradictorias tendencias; d'essa geração, uns ficaram e estão ainda cheios de admiração pelos trabalhos da geração que precedera; outros reconhecem a insufficiencia d'esses trabalhos, mas caídos no marasmo geral da nação, não teem força para os substituirem por cousa melhor.

Alexandre Herculano tentou fazer entrar a sciencia portugueza em novo periodo de desenvolvimento e deu-nos um trabalho que lhe creou uma reputação europea; mas largou cedo a tarefa, e não deixou discipulos atraz de si; demais este proprio sabio não é um representante da sciencia allemã; as tendencias do seu espirito

[1] Já mais d'uma vez temos insistido sobre essa ignorancia, que em um escripto que publicaremos proximamente exporemos em toda a sua extensão.

são diversas das d'esta sciencia[1], que todavia conhece e de que aproveitou alguns resultados. É antes na nova eschola historica franceza que elle se filia; e d'ella devemos consideral-o um dos primeiros mestres. E' por isso mesmo, talvez, que a sciencia da linguagem não mereceu a Herculano a attenção que lhe dá qualquer dos primeiros historiadores contemporaneos da Allemanha. A pequena parte da *Historia de Portugal* que tracta da origem da lingua portugueza não parece pela sua superficialidade, escripta por o homem que escreveu o resto d'essa grande obra.

Entre nós dá-se em geral muito maior importancia ás sciencias que offerecem uma applicação ás cousas praticas e materiaes da vida do que ás sciencias que offerecem um interesse superior. Isto pode até considerar-se como uma feição caracteristica do espirito portuguez n'esta epocha. Os estudos agricolas, por exemplo, vão tomando entre nós um incremento que chega a contrastar singularmente com a apathia dos estudos historicos, e até com o pouco desenvolvimento dos outros ramos das sciencias naturaes. Mas é mister dar a tudo o seu logar; o homem, a sua actividade, o seu destino, devem ser os primeiros objectos do estudo em toda a parte. Até hoje todos os povos se teem elevado pelos exforços para resolverem os grandes problemas do espirito; a nação que chega a não os comprehender ou a ligar-lhe pouca importancia fica fóra da via do progresso, e não é mais inscripta na lista das nações cultas. É em nome d'essa grande verdade, que ninguem se atreverá a negar, porque teria de negar a historia, que reclamamos um logar em a instrucção publica de Portugal, para uma sciencia que abraça ou esclarece muitas das questões capitaes relativas ao homem, aos seus productos e destino, como reclamaremos a reforma dos estudos historicos e philosophicos entre nós, estudos que são sem duvida representados no ensino, mas d'um modo bem pouco proprio para crear um movimento intellectual, mesmo pequeno, em Portugal.

IV

A questão de crear um ramo de ensino publico inteiramente novo é uma questão delicada, sem duvida, e propria para pôr em embaraços o estadista que a tomar a sério. Em primeiro logar, os espiritos de rotina, cuja preponderancia é inegavel em o nosso paiz, vêem com maus olhos uma innovação com que elles nada utilisam; depois, a incerteza da verdadeira importancia do novo ensino acha nas considerações economicas e nas opiniões d'aquelles espiritos uma passagem facil para o desconhecimento d'essa importancia; mas quando as primeiras nações cultas testemunham

[1] No escripto a que nos referimos, consagrâmos um capitulo á determinação dos principios scientificos de A. Herculano.

pela importancia d'uma sciencia, ainda que o methodo e os resultados d'ella sejam ignorados, é impossivel ou pelo menos inacceitavel aquella incerteza ou aquelle desconhecimento. Mas novas difficuldades existem ainda: qual o logar do novo ramo de ensino? qual o plano d'elle, segundo as necessidades conciliadas da sciencia e do paiz? a quem confial-o? Com uma sciencia absolutamente nova para o nosso paiz, que não pode fazer parte de nenhuma das faculdades universitarias, nem das escholas polytechnicas, essas difficuldades tornam-se duplamente sérias.

O logar natural d'uma cadeira de glottica seria n'uma faculdade que correspondesse, melhor ou peor, a uma faculdade de philosophia da Allemanha, ou n'um curso comparavel ao Collegio de França; mas nem uma cousa nem outra existe em o nosso paiz. Para introduzir esse ensino no curso geral dos lyceus é cedo; além d'isso seria mister amesquinhal-o, e, pelo lado economico e pela questão de crear professores, as difficuldades augmentariam consideravelmente. Poder-se-hia introduzir o ensino da glottica no Curso superior de lettras. Aqui, porém, nasce um receio legitimo, o de tornar tão inutil o novo ensino como o tem sido o Curso superior de lettras desde a sua fundação. Que sahiu do Curso superior de lettras até agora? Cousa nenhuma; até ao dia d'hoje temos esperado em vão pela publicação de trabalhos profundos dos professores, de theses notaveis dos discipulos, e nada d'isso ainda appareceu. Os professores acham na falta de habilitações dos discipulos desculpa para fazerem cursos superficiaes. As prelecções que ali se fazem, apenas unidas por um nexo exterior as mais das vezes, ou são caracterisadas por ampliações rethoricas, que nos trazem á idea o tom que domina geralmente nos cursos de lettras francezes, ou não passam de *aperçus* fragmentarios. O Curso superior de lettras, como elle se acha organisado, nem pode crear espiritos solidos, nem fazer tomar a sério o methodo de qualquer sciencia. A creação d'uma cadeira de glottica no Curso superior de lettras corre o risco de dar em resultado mais uma inutilidade dispendiosa, se o Curso não fôr reformado convenientemente, ou se pelo menos, a organisação da nova cadeira não fôr determinada por condições especiaes. Resta-nos um ultimo alvitre, o qual nas circumstancias actuaes nos parece mais acceitavel: crear cadeiras da sciencia da linguagem nos lyceus de Lisboa e Coimbra, ou só no primeiro pelo menos, do mesmo modo que no de Lisboa se creou uma cadeira de arabe, que não se encontra nos outros lyceus, mas tornar esse ensino obrigatorio 1.º para o Curso superior de lettras; 2.º para o curso de diplomatica, pois a grammatica historica e comparativa é de grande auxilio na interpretação das formas empregadas nos antigos documentos; 3.º para os que se destinarem ao ensino publico das linguas classicas e da portugueza; 4.º (no caso da creação d'uma cadeira no lyceu de Coimbra) para a faculdade de theologia, visto que no circulo dos conhecimentos necessarios a um bom exegeta dos livros santos entra a moderna glottica.

Passemos agora ao exame d'outra questão: o plano do ensino da nova sciencia entre nós. Uma completa liberdade deixada neste ponto ao professor parece-nos absolutamente nociva no estado actual da instrucção publica portugueza; n'essa liberdade está um dos vicios do Curso superior de lettras. Crear um ensino a que se dá apenas um nome e deixar o homem a quem elle se confiou mover-se n'elle sem condições, segundo o seu capricho, é não contar com as fraquezas humanas, desgraçadamente muito grandes e muito evidentes; as abnegações são rarissimas, os heroismos extraordinarios, e um homem que pode ganhar o seu pão sem grande trabalho, não irá empregar as suas forças n'uma applicação séria da sua intelligencia por causa d'uma reputação que alcança facilmente por processos conhecidos. Por fim o uso do compendio em as nossas escholas tem muita razão de ser; se o compendio é bom (o que nem sempre succede), quer seja boa quer má a explicação do professor, ha sempre um fundo solido em que o estudante e o estado, que vela pela instrucção podem confiar. O estado approva ou reprova o uso de tal ou tal compendio; o livro lê-se, examina-se; a prelecção passa rapidamente. Como avaliar o merito de professores de que só um ou outro escreve? A critica entre nós não se exerce sobre os livros, quanto menos sobre prelecções. Os professores, de mãos dadas para morderem uns nos outros *privatissime*, só extraordinariamente virão revelar publicamente culpas de collegas. Dá-se entre nós no ensino, pelo que diz respeito a essa falta de critica franca no professorado, o contrario do que se dá na Allemanha, onde os jornaes scientificos exercem sobre o professorado uma verdadeira policia, altamente benefica. O compendio, pois, é, na organisação actual da nossa instrucção publica uma muito real necessidade. Deve-se adoptar um compendio para o ensino da glottica? Comquanto não haja n'isso outro inconveniente senão a difficuldade de achar um livro adequado para o ensino em o nosso paiz, parece-nos que pode fazer-se n'este caso uma excepção condicional.

Um curso de glottica ou pode ter por objecto os principios geraes da sciencia, a classificação morphologica e genealogica das linguas, as leis que dominam na sua historia, etc., ou limitar-se á applicação do methodo e principios da sciencia ao estudo de uma lingua ou familia ou grupo de linguas. Ha obras em que as questões capitaes, o methodo, os principios geraes da sciencia são tractados com maior ou menor desenvolvimento; mas nenhuma das que conhecemos d'esse genero é adequada para o ensino; sobre uma lingua especial ou familia ou grupo de linguas consideradas scientificamente ha numerosissimos livros, mas poucos tambem adequados para o ensino. O *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprache* de Schleicher está no ultimo caso; mas não o julgamos apropriado para texto d'um curso em Portugal no estado actual, em que a sciencia da linguagem é cousa inteiramente nova para este paiz. O mais conveniente é dividir o curso em duas secções: uma que comprehenda a parte geral, outra que comprehenda a parte applicada. Pode-se improvisar com um estudo superficial da parte geral da sciencia um pequeno curso com certa apparencia brilhante aos olhos dos inexpertos; mas um curso um pouco longo será mais difficil, pois essa sciencia presta-se pouco a ampliações rethoricas; na parte applicada, é mister ter largos conhecimentos especiaes, senão corre-se o risco de nada explicar, e até de nada poder dizer. Não se improvisam conhecimentos grammaticaes de diversas linguas que teem de se compararem, nem é possivel substituir o paradigma d'uma declinação ou d'um tempo por uma declamação banal. Pode-se dar mal uma explicação, estabelecer uma comparação falsa, mas o que não se pode é pôr em connexão formas ou construcções syntacticas de duas ou mais linguas sem conhecer essas formas e essas construcções. A necessidade d'esse conhecimento dá já uma certa garantia.

Sobre que linguas versará a parte applicada? Parece-nos que em vez de immobilisar o ensino restringindo-o a uma só lingua, se deve dar-lhe vida, variando-o em periodos determinados. Um anno o professor explicará a grammatica da lingua portugueza sob o ponto de vista comparativo; outro anno o latim ou os outros dialectos italicos serão o objecto do ensino; outro anno analysará os antigos nomes geographicos da peninsula e os outros vestigios das antigas linguas aqui falladas, para determinar o que n'esses vestigios é celtico e não celtico, contribuindo assim para resolução d'um grande problema, etc. O campo é vasto; ha onde escolher.

A quem se deve confiar o novo ensino? Outra questão importante. O mais simples modo de a resolver seria mandar vir da Allemanha professor competente; ou no caso de termos de nos contentar com o que por cá se possa obter, proceder com a maior circumspecção possivel. No ultimo caso, achariamos altamente louvavel o estadista que imposesse ao professor da nova cadeira a condição de publicar os seus cursos ou pelo menos a parte mais importante e original d'esses cursos, fornecendo-lhe o estado os meios materiaes da publicação. Parecerá extravagante uma tal condição, mas os bons resultados justificarão sempre os meios.

Lisboa 14 de Novembro de 1870.